

Reflexões acerca da dialética da *Formação da Literatura Brasileira*

Fernanda Sueley Müller
Universidade de São Paulo – USP

Índice

1 Introdução: por uma dialética da <i>Formação</i>	1
2 A <i>Formação</i> versus as leituras da <i>Formação</i>	2
3 Bibliografia	6

Resumo

Neste artigo pretendemos discutir criticamente algumas questões sobre a paradigmática obra *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido em contraposição à algumas leituras e (re)visões críticas de importantes intelectuais brasileiros, como Haroldo de Campos e Benjamin Abdala Junior.

1 Introdução: por uma dialética da *Formação*

Tendo como ponto de partida as reflexões de Benjamin Abdala Jr. em função de seu

texto homônimo¹ à obra de Antonio Candido neste trabalho almejamos discutir e também *reler* algumas das interpretações e polêmicas suscitadas por tão singular exemplar. Por se tratar de uma obra fundamental do repertório crítico dos profissionais das Letras brasileiras, acreditamos ser muito oportuna a realização desse balanço crítico sobre um texto que tanto tem a nos dizer e acrescentar, na qualidade também de críticos, pesquisadores, professores e, sobretudo, de amantes literários.

Embora muito constante no universo do pesquisador e notadamente presente no horizonte crítico de todos aqueles que, como nós, procuramos de certa forma entender as relações literárias luso-brasileiras na sua complexidade, cremos que discutir a *re-leitura* desse clássico é sempre um exercício válido, não só pelos novos significados que o texto descortina, mas também ao que diz respeito às contraposições críticas que sofrera por parte de outros nomes de relevo da crítica

¹ Cf. ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin; CARA, Salette de Almeida (Org.). *Moderno de nascença: figurações do Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006, p. 213-228.

literária nacional, como Luiz da Costa Lima, Afrânio Coutinho e Haroldo de Campos.

À guisa de introdução é desnecessário, de fato, realçar a importância de Antonio Candido de Mello e Souza na literatura nacional, seja no papel de crítico, professor ou historiador literário, entre tantos outros predicados que lhe são possíveis. Na sua brilhante trajetória acadêmica deixou-nos, como legado precioso, inúmeras obras que nos ajudam a construir um juízo crítico acerca da literatura brasileira nos seus mais variados aspectos críticos, estéticos e formais. Estas configuram-se, ainda, como ferramentas fundamentais para que nós, cientistas literários, possamos entender a literatura em sua complexidade e aprender, principalmente, como se faz uma boa crítica literária.

Nesse sentido, uma de suas obras mais importantes, *Formação da Literatura Brasileira*, emerge paradoxalmente como uma das mais aclamadas e como uma das mais criticadas.

Vejamos o porquê.

2 A Formação versus as leituras da Formação

A *Formação da Literatura Brasileira*, cuja primeira edição data do ano de 1959, surge no cenário nacional como um grande clássico que, perfilado a outras formações (*Formação Econômica do Brasil*, *Formação do Brasil Contemporâneo*, *Formação Política do Brasil*, *Casa Grande e Senzala*, entre outras, como bem assinalam ABDALA JR.²

² *Op. Cit.*, p.214.

e ARANTES³) propuseram-se a explicar o Brasil, também em um “momento decisivo” para a nação, em suas mais variadas facetas, a partir das décadas de 30 e 40 do século XX.

Sob a perspectiva literária, essa *Formação* reavalia as relações existentes entre a atividade da intelectualidade brasileira desde o século XVIII que, desenvolvida plenamente anos mais tarde pelos Românticos, foi responsável pela instauração de um sistema literário nacional e de uma “consciência empenhada”.

Constituída ainda sob o signo da dialética, cujos eixos ruptura e tradição, *mimesis e poiesis*⁴, sistema e manifestação literária (os pares são infinitos!) se interpõem e lhe são norteadores, Candido realiza nessa obra seu projeto de analisar a história da literatura brasileira tanto pela perspectiva do historiador quanto pela ótica do crítico literário.

De modo geral, a *Formação da Literatura Brasileira* pode ser dividida em três partes. Na primeira, Candido define e desenvolve a idéia de tradição que lhe permitiu dis-

³ ARANTES, Paulo Eduardo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: D’INCAO, Maria Ângela e SCARABOTOLLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles, 1992p.229-261.

⁴ Cf. PEDROSA, Célia. Os dois gumes da história. In: D’INCAO, Maria Ângela e SCARABOTOLLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles, 1992, p. 129-134. É muito interessante a leitura da *Formação* realizada por Célia, descrita como espécie de “pena orgânica” que é a extensão do próprio escritor e da pátria. Sobre o par *mimesis e poiesis*, por exemplo, assinala que no processo de criação da *Formação* estão descritas tanto as especificidades literárias das obras analisadas quanto o valor sociais nelas intrínsecos e atribuídos.

tinguir as “manifestações literárias” (importantes, mas isoladas e localizadas em apenas algumas partes do território nacional) da literatura integrante de um “sistema” por ele criado e formulado, principalmente a partir do conceito de certa “coerência” interna primordial para o funcionamento do mesmo. Num segundo momento, marcado pela dialética, o autor aproxima os movimentos Arcade e Romântico da literatura nacional num intrínseco complexo de “continuidade e ruptura” discorrendo acerca de seus pontos de interseção e interrupção na constituição de um passado literário que culmina na terceira parte da obra. Nesta última o crítico assinala o caráter “interessado” da literatura brasileira no final do século XIX com o amadurecimento da literatura e crítica literária romântica representada, não por acaso, por Machado de Assis e o seu famoso “Instinto de Nacionalidade” que, ao se confundir com o próprio discurso de Antonio Candido, fecha com chave de ouro a obra-prima do crítico.

Nesse sentido, o primeiro eixo dialético que aparece em sua obra é a dicotomia “manifestação” versus “sistema literário”, premissa básica para que a sua visão da *Formação* seja lida corretamente. Já na introdução, ao definir a literatura como “sistema de obras ligadas por denominadores comuns que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase”, ou seja, um sistema que pressupõe um conjunto de produtores literários, um conjunto de receptores-leitores e um mecanismo transmissor (linguagem) que melhor possa exprimir a literatura de um país, o crítico indica quais “momentos decisivos” que, para ele, foram fundamentais nesse processo: o Arcadismo e o Romantismo.

Candido, porém, consciente do papel da literatura brasileira como “um galho” e “originada” da literatura portuguesa, não desmerece de modo algum a produção anterior à fase Arcade e reconhece a importância das manifestações literárias ocorridas no Brasil colonial, apesar de não dispensar-lhes uma análise mais apurada (fato esse que suscita muitas críticas e causador de muitas das inúmeras polêmicas que giram em torno da obra, conforme veremos melhor adiante).

Definido pela postura empenhada que a geração Arcade exprime – mesmo que extremamente ligada à tradição portuguesa –, esse primeiro momento decisivo é fundamental para a consolidação de uma literatura brasileira propriamente dita, uma vez que os autores românticos os reconheciam como legítimos antecessores.

Essa característica empenhada do arcadismo foi marcada principalmente pela ruptura do isolamento observado entre os escritores anteriores que, mesmo espetacularmente singulares em suas respectivas épocas (como Gregório de Matos, Antônio Vieira, etc.), não conseguiram fazer parte de um movimento consistente e foram mais apreciados pelas suas qualidades individuais. Ao não conseguirem enquadrar-se em uma tradição que os fizessem figurar no sistema previsto por Antonio Candido, isto é, sem conseguir congregarem em torno de si outros escritores que certamente teriam feito a diferença na historiografia literária brasileira, foram, de certa forma, “seqüestrados” (para usar o termo polêmico usado por Haroldo de Campos⁵) pelo crítico na obra

⁵ CAMPOS, Haroldo de. *O Sequestro do Barroco na “Formação da Literatura Brasileira”*: o caso Gregório de Matos. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

que, apesar das controvérsias ocasionadas, reforçava o escopo e a coerência proposta na introdução da *Formação*.

Fundada em 1759, a Academia dos Renascidos, berço Arcade, teve abrangência nacional e congregou acadêmicos de outras partes da colônia, dando os primeiros passos da constituição do coletivo como representante da nação nesse sentido.

Emerge aí a figura de Cláudio Manoel da Costa que é, sem dúvida, limiar nesse processo, uma vez que foi o primeiro a conseguir enxergar a realidade brasileira sob perspectivas européias. Ainda nesse viés da contradição, notemos que outros importantes nomes do período como Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Tomaz Antonio Gonzaga, entre tantos outros luso-brasileiros ou portugueses de nacionalidade e de formação, foram os que mais se empenharam na constituição de um Brasil independente, seja politicamente – com a Inconfidência Mineira – ou literariamente com o surgimento da figura indígena em *Uraguai*, por exemplo, desenvolvida em sua plenitude pelo movimento romântico.

Contudo, esse importante legado Arcade, importantíssimo para o pontapé inicial do romantismo brasileiro sentir-se-á mais profundamente quando intensifica-se a vida cultural no Brasil e, mais notadamente, em sua capital Rio de Janeiro na ocasião da transferência da corte portuguesa.

Bem como assinala ABDALA JR:

Do ponto de vista literário, após a geração anterior dos árcades, instaurou-se um período de “formação da rotina” de muita exaltação patriótica e pouca criatividade artística. Não obstante es-

sas restrições, estão aí as bases para uma literatura que pretendia encontrar a sua identidade. Volta o pitoresco que vinha dos tempos coloniais – a descrição da natureza exuberante e os temas indígenas. (2006, p. 222)

Com a independência política em 1822, o desejo de exprimir a nacionalidade brasileira aflora ainda mais e os escritores, empenhados e congregados na capital cultural do país, produzem intensamente para explicar o Brasil rural, o Brasil indígena e o Brasil urbano através de seus romances.

Instalados e surgidos, portanto, sob o signo da ambigüidade, a nova literatura procura em todos os aspectos mapear o jovem país. Além das temáticas notadamente urbana, rural e indígena que já citamos e que observamos no plano literário de escritores como José de Alencar, por exemplo, uma poesia romântica, ou melhor, ultra-romântica emerge no período representada por Fagundes Varela, Casemiro de Abreu, e Álvares de Azevedo, que, à moda de seus antepassados Árcades, possuíam educação com fortes influências portuguesas e européias. Interessante é notar ainda que, de forma análoga ao que ocorria antes, tais poetas procuravam transpor em uma linguagem brasileira o que já era há muito tempo observado na literatura romântica européia com a geração de Victor Hugo, Byron, Musset (entre tantos outros que marcaram o período), matizando em cores nacionais as formas estrangeiras. Em relação à vertente indianista esse caráter ainda mais se acentua, já que as obras românticas contribuíram e alimentaram sobremaneira o estereótipo de povo selvagem consumido e perpetuado pelo olhar

estrangeiro e que permanece, de certa forma, até os dias de hoje.

No entanto o grande ápice da *Formação*, conforme já mencionamos e muito bem apontado por Benjamim Abdala Jr. (2006), Ligia Chiappini e Antônio Callado⁶ por exemplo, é a presença de Machado de Assis, que encerra e celebra de forma perfeita essa leitura de *Formação* da literatura nacional, bem como o conceito de sistema literário proposto por Antonio Candido.

Embora tenha sido rapidamente abordado na introdução da citada obra e ainda, tenha sido objeto de um “mea-culpa” de Candido por não tê-lo incluído como romancista em suas análises, o Machado-crítico representa o expoente máximo de uma literatura engajada e de uma crítica consciente que redime a não inclusão do Machado-escritor e que retrata a expressão literária nacional como madura, atuante e plenamente empenhada.

Fortemente marcada por uma estrutura dialética no plano interno, no plano externo a obra gerou uma dialética outra, realizada pela crítica, como não poderia deixar de ser diferente. Se, para a maioria dos críticos a *Formação da Literatura Brasileira* se tornou paradigmática, para outros como Luiz da Costa Lima e Afrânio Coutinho, assim como o já citado Haroldo de Campos, por exemplo, teceram duras críticas a essa obra em particular de Antonio Candido. Além da famosa acusação de seqüestro do período barroco já mencionada, o mestre Candido também foi criticado duramente por querer “determinar” arbitrariamente o início da literatura

⁶ Apud: D’INCAO, Maria Ângela e SCARABOTOLLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles, 1992.

brasileira através de um sistema literário não viável, segundo as palavras de Luiz da Costa Lima, e ainda por ter “excluído” a Carta de Caminha das Letras brasileiras por Coutinho.

Porém, com críticas às críticas à parte e com as opiniões pró e contra a *Formação* devidamente fundamentadas e contestadas⁷, a leitura da obra tida como exemplar prevalece nessa dialética e reforça a necessidade e a importância de estudos aproximativos entre as duas literaturas especialmente em determinados períodos, como é o nosso caso. No estudo concluído recentemente e até então inédito que resultou em Dissertação de Mestrado⁸, apontamos como se deu a presença da crítica e literatura portuguesas na sociedade paulistana, legítima representante da intelectualidade brasileira no Pré-Modernismo brasileiro e verificamos quão intensa foi a permanência da cultura lusitana no jornal *O Estado de São Paulo*, contrariando o lugar-comum de que nesse período, para a literatura brasileira, não havia mais espaço para o elemento estrangeiro – sobretudo português – na cultura nacional. Um dos pontos mais relevantes que destacamos com a conclusão da

⁷ Consultar, por exemplo, LIMA, Luís Costa. Concepção de história literária na *Formação* e CHIAPPINI, Ligia. Os equívocos da crítica à *Formação* apud D’INCAO, Maria Ângela e SCARABOTOLLO, Eloísa Faria. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles, 1992.

⁸ Cf. Fernanda Suely Muller, *Ruptura ou tradição? A crítica e literatura portuguesa em “O Estado de São Paulo” no Pré-Modernismo brasileiro: 1900-1911*, São Paulo, FFLCH-USP, dissertação de Mestrado defendida em março/2007, sob a orientação da Profa. Dra. Annie Gisele Fernandes e fomentada pela FAPESP (processo no. 04/11527-0)

Dissertação foi, sem dúvida, como os artigos do jornal sobre a crítica e literatura portuguesas serviram de plataforma para a promoção da cultura e dos valores portugueses na sociedade brasileira e, ainda, considerados como um modelo para a literatura brasileira nesse momento tão representativo de definição do caráter nacional. É interessante notar que esse processo destaca-se em artigos de jornalistas portugueses – como empiricamente prova a análise desses artigos, mas, entretanto, em alguns editoriais do citado jornal e em alguns artigos de Sílvio de Almeida (brasileiro, nascido em Pouso Alegre) se verifica o mesmo processo, isto é, a manutenção do discurso em defesa dos valores culturais e literários portugueses, justamente o oposto do que postulavam autores do Pré-Modernismo e do Modernismo brasileiro, como destacam os manuais literários.

De fato, se olharmos atentamente a gênese da literatura brasileira em relação à raiz portuguesa, perceberemos também a dicotomia marcada pela “dialética da contradição” (fazendo minhas as palavras de ABDALA JR (2006, p.226)) que nem sempre foi tão distante ou tão próxima como nos faz crer a fortuna crítica e o senso comum (recordemo-nos dos já citados Arcades português-abrasileirados e dos índios de modos europeus aclimatados pela cor local). Assim como o adulto outrora adolescente rebelde que se reconcilia com os pais, e regida então pela mesma dialética da obra *Formação da Literatura Brasileira*, a literatura do Brasil, sempre marcada pelo contraste da ruptura e tradição, triunfa tal qual o crítico Machado quando consegue administrar e superar as diferenças que lhe sendo tão estranhas lhe são ao mesmo tempo tão próprias –

através da maturidade, sem necessariamente ter que atuar nos limites estreitos de uma expressão exótica e pitoresca mas sem negar, contudo, um passado literário significativo essencial para o seu desenvolvimento.

3 Bibliografia

- ABDALA JÚNIOR, B.(2006), Formação da Literatura Brasileira, de Antonio Candido. In: ABDALA JÚNIOR, B; CARA, S.A. (orgs.), *Moderno de nascença: figurações do Brasil*, São Paulo, Boitempo Editorial: 213-228.
- ARANTES, P. E. (1992), Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: D’INCAO, M. A. e SCARABOTOLO, E.F. (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, São Paulo, Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles: 229-261.
- CALLADO, A. (1992), *Formação da Literatura Brasileira: um monólogo interior*. In: D’INCAO, M. A. e SCARABOTOLO, E.F. (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, São Paulo, Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles: 142-152.
- CAMPOS, H. (1989), *O Seqüestro do Barroco na “Formação da Literatura Brasileira”*: o caso Gregório de Matos, Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado.

CANDIDO, A. (1989), *Formação da Literatura Brasileira*, São Paulo, Livraria Martins Editora, v. 1 e 2.

CHIAPPINI, L. (1992), Os equívocos da crítica à *Formação*, In: D'INCAO, M. A. e SCARABOTOLO, E.F. (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, São Paulo, Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles: 170-177.

D'INCAO, M. A. e SCARABOTOLO, E.F. (1992) (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, São Paulo, Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles.

LIMA, Luís Costa. Concepção de história literária na *Formação*. In: D'INCAO, M. A. e SCARABOTOLO, E.F. (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, São Paulo, Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles: 153-169.

PEDROSA, Célia. Os dois gumes da história. In: D'INCAO, M. A. e SCARABOTOLO, E.F. (orgs.), *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, São Paulo, Cia. Das Letras, Instituto Moreira Salles: 129-134.